

**JAMES PATTERSON**

**EU,  
ALEX CROSS**



Para Judy Torres

PRÓLOGO

# **FOGO E ÁGUA**

## Um

**H**ANNAH WILLIS CURSAVA O SEGUNDO ano da faculdade de direito da Universidade da Virgínia e seu futuro parecia favorável e promissor – exceto, é claro, pelo fato de ela estar prestes a morrer naquela mata escura, sombria e sinistra.

*Corra, Hannah, dizia a si mesma. Apenas corra. Pare de pensar. Ficar se lamentando e chorando não vai ajudar você agora. Correr talvez ajude.*

Ela tropeçou e cambaleou para a frente até suas mãos encontrarem outro tronco de árvore no qual se agarrar. Apoiou seu corpo dolorido nele, esperando recuperar as forças para respirar novamente e poder dar outro pique e seguir mais alguns passos adiante.

*Não pare ou você vai morrer nesta mata. É simples assim.*

A bala alojada em algum lugar da parte de baixo das suas costas tornava cada movimento e cada respiração uma agonia, causando mais dor do que Hannah jamais imaginara possível. Era apenas a ameaça de uma *segunda* bala ou talvez algo pior que a mantinha de pé e seguindo em frente.

A mata era quase um breu total. A lua crescente que pairava sobre as copas cerradas das árvores mal iluminava o chão. As próprias árvores não passavam de sombras. Era impossível ver os espinhos dos arbustos na vegetação rasteira; eles perfuravam e cortavam suas pernas até sangrar. A pouca roupa que usava – apenas um body caro de renda preta – agora pendia em frangalhos dos seus ombros.

No entanto, nada disso importava ou ao menos era registrado por Hannah. O único pensamento claro que conseguia atravessar a dor e o pânico era: *Corra, garota*. O restante era um pesadelo sem palavras nem sentido.

Por fim e muito de repente – teria se passado uma hora? Ou mais? –, a cobertura baixa das árvores se abriu acima da sua cabeça e ao seu redor.

– Mas o que...?

A terra se transformou em cascalho debaixo dos seus pés e, sem ter onde se apoiar, Hannah caiu de joelhos.

Sob o luar opaco, ela conseguia ver o fantasma de uma faixa dupla no asfalto, revelando a curva de uma estrada. Era como um milagre. Ou meio milagre, pelo menos. Ela sabia que ainda não tinha escapado daquela encrenca.

Quando ouviu o barulho de um motor ao longe, Hannah se apoiou nas próprias mãos e empurrou o corpo para cima, levantando-se do cascalho. Reunindo

uma força que não sabia ainda possuir, ficou de pé e então cambaleou até o meio da estrada. Suor e lágrimas embaçavam seu mundo.

*Por favor, Deus, não permita que sejam eles. Não podem ser aqueles dois desgraçados.*

*O Senhor não seria tão cruel, seria?*

Foi então que uma caminhonete vermelha dobrou a curva, vindo para cima dela depressa. Depressa demais! De repente ela estava tão cega quanto estivera antes na mata, mas dessa vez por causa dos faróis do veículo.

– Pare! Por favor, pare! Por favooooor! – gritou ela. – *Pare, seu filho da puta!*

No último segundo, os pneus cantaram no asfalto. A caminhonete vermelha entrou por completo no seu campo de visão e parou imediatamente antes de atropelá-la como um animal na estrada. Ela conseguia sentir o calor que saía do motor através da grade.

– Ei, gatinha, bela roupa. Você só precisava ter esticado o polegar.

Ela não conhecia aquela voz – o que era bom, muito bom. Música country alta vinha da cabine também: *Charlie Daniels Band*, sua mente registrou de forma vaga, pouco antes de Hannah desabar no asfalto.

O motorista já havia saído da caminhonete quando, segundos depois, ela recobrou a consciência.

– Oh, meu Deus, eu não... O que aconteceu com você? Você está...? *O que aconteceu com você?*

– Por favor. – Ela mal conseguia falar. – Se eles me encontrarem aqui, vão matar nós dois.

As mãos fortes do homem a envolveram, roçando o buraco do tamanho de uma moeda de 10 centavos nas suas costas enquanto a erguiam. Ela apenas suspirou, fraca demais para gritar. Alguns segundos nebulosos e indistintos depois, eles estavam dentro da caminhonete e seguindo muito depressa pela rodovia de duas pistas.

– Agente firme, querida. – A voz do motorista estava trêmula agora. – Me conte quem fez isso com você.

Hannah sentia que estava perdendo a consciência de novo.

– Os homens...

– Os homens? *Que homens*, querida? De quem você está falando?

Uma resposta pairou vagamente sobre a cabeça de Hannah e ela não soube ao certo se a disse em voz alta ou se apenas pensou nela antes de tudo escurecer.

*Os homens da Casa Branca.*

## Dois

O NOME DELE ERA JOHNNY TUCCI, mas todos os garotos do seu bairro no sul da Filadélfia o chamavam de Johnny Cacoete, por causa do modo como seus olhos não paravam quietos quando ele ficava nervoso, o que acontecia a maior parte do tempo.

É claro que, depois dessa noite, os garotos do bairro poderiam ir se danar. Naquela noite Johnny entrou no jogo pra valer. Era hora de ser homem. Ele estava com “o pacote”, não estava?

Era um serviço simples, mas dos bons, porque ele estava sozinho e precisava assumir toda a responsabilidade. Já havia apanhado o pacote. Teve medo, mas se saiu bem.

Ninguém falava com todas as letras, mas, assim que você começava a fazer entregas desse tipo, isso significava que estava vinculado de alguma forma à Família e que ela estava vinculada a você. Em outras palavras, havia um relacionamento. Depois daquela noite, Johnny não precisaria mais fazer apostas para os outros, nem catar migalhas nos bairros do sul. Era como aquele adesivo de para-choque que dizia: *Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida.*

Então era natural que ele estivesse empolgado... e só um pouquinho nervoso.

O alerta de seu tio Eddie não parava de se repetir na sua mente, como uma gravação: *Não desperdice essa oportunidade, Cacoete. Estou colocando o meu na reta por você.* O tio dissera isso como se estivesse lhe fazendo um grande favor ao lhe dar esse serviço. Quer dizer, Johnny até achava que talvez estivesse realmente, mas mesmo assim. Seu próprio tio não precisava jogar isso na sua cara, precisava?

Ele estendeu a mão e aumentou o volume do rádio. Até a música country que eles costumavam tocar por ali era melhor do que escutar a falação de Eddie na sua cabeça a noite inteira. Estava tocando uma velha canção da Charlie Daniels Band, “The Devil Went Down to Georgia”. Ele até conhecia um pouco da letra. Mas nem isso fez com que a voz de Eddie saísse de sua mente.

*Não desperdice essa oportunidade, Cacoete.*

*Estou colocando o meu na reta por você.*

Putá merda!

Luzes azuis piscavam em seu retrovisor, vindas do nada. Dois, três segundos antes ele poderia ter jurado que estava sozinho na Interestadual 95.

Pelo jeito, não.

Johnny começou a sentir os primeiros espasmos no canto do olho direito.

Ele pisou no acelerador; talvez conseguisse fugir. Então se lembrou da porcaria do Dogde que estava dirigindo, roubado do estacionamento de um motel

em Essington. *Que droga! Eu devia ter ido ao estacionamento do Marriott. Arranjado um carro japa.*

Mas era possível que ainda não tivessem denunciado o roubo do Dodge. O dono, seja lá quem fosse, provavelmente estava dormindo no motel. Com alguma sorte, Johnny poderia simplesmente sumir com a multa e ninguém jamais precisaria ficar sabendo.

Mas esse era o tipo de sorte que as outras pessoas tinham, não ele.

Os policiais levaram uma eternidade para sair da viatura, o que era um mau sinal – o pior de todos. Eles estavam conferindo o modelo e a placa do veículo. Quando enfim chegaram ao Dodge, parando um de cada lado, os olhos de Johnny já pareciam dois feijões saltadores mexicanos.

Ele tentou manter a calma.

– Boa noite, oficiais. Algum pro...

O que estava do seu lado, um sujeito alto com um sotaque caipira, abriu a porta do motorista.

– Bico calado. Saia do veículo.

Eles não demoraram nada para encontrar o pacote. Depois de vasculharem os bancos da frente e de trás, abriram o porta-malas, puxaram a lona que cobria o estepe e pronto.

– Nossa Senhora! – exclamou um dos policiais ao iluminar o porta-malas com sua lanterna. O outro engasgou quando viu o que havia ali. – *Que diabo você fez?*

Johnny não ficou por perto para responder à pergunta. Ele já estava correndo para salvar sua vida.

## Três

**N**INGUÉM NUNCA TINHA ESTADO TÃO morto, ou sido tão burro, quanto ele agora. Johnny Tucci teve certeza disso enquanto saía do meio das árvores e começava a descer, deslizando, uma ribanceira que havia ao lado da rodovia.

Ele talvez pudesse se esconder daqueles tiras, mas não da Família. Nem na cadeia nem em qualquer outro lugar. Isso era um fato. Não se perdia um “pacote” como aquele sem que você mesmo se tornasse um pacote.

Vozes surgiram de cima do barranco, seguidas por fochos de luz dançantes. Johnny atirou-se no chão e se escondeu debaixo de um aglomerado de arbustos. Ele tremia dos pés à cabeça, seu coração tão acelerado que chegava a doer, seus

pulmões ofegantes por conta do excesso de cigarros. Era quase impossível ficar parado, em silêncio.

*Ai, merda, estou morto.*

– Está vendo alguma coisa? Está vendo aquele desgraçado? Aquele doente?

– Ainda não. Mas nós vamos pegá-lo. Ele está aqui embaixo em algum lugar. Não pode ter ido longe.

Os policiais se dividiram, indo cada um para um lado, descendo a ribanceira. Muito calculistas e eficientes.

Embora ele já tivesse conseguido recuperar o fôlego, a tremedeira só piorava, e não apenas por causa dos tiros. Era porque tinha começado a se dar conta do que precisaria fazer em seguida. Estritamente falando, havia somente duas opções realistas. Uma envolvia o 38 que ele trazia no coldre em seu tornozelo. A outra, o pacote – e seu dono. Era apenas uma questão de como ele preferia morrer. E, sob aquele luar frio, não parecia haver muita escolha. Movendo-se o mais lentamente possível, ele estendeu a mão para baixo e sacou o 38. Tremendo muito, encaixou o cano dentro da boca. A porcaria do metal chacoalhava com força contra seus dentes e deixava um gosto amargo em sua língua. Ele sentiu vergonha das lágrimas que escorriam pelo seu rosto, mas não conseguia evitá-las. De qualquer maneira, quem além dele ficaria sabendo?

Meu Deus, era assim mesmo que iria terminar? Com ele chorando feito um bebê, sozinho no meio da floresta? Que mundo terrível.

Ele conseguia até ouvir os garotos falando. *Deus me livre de acabar como Johnny*. Johnny Cacoete. Era isso que eles colocariam na sua lápide – só de crueldade. Aqueles malditos!

Durante todo aquele tempo, o cérebro de Johnny dizia *aperte o gatilho*, mas seu dedo não obedecia. Tentou novamente, com as duas mãos no cabo dessa vez, mas não adiantou. Nem isso ele conseguia fazer direito.

Por fim, cuspiu o cano da arma, ainda chorando como uma criança. De certa maneira, saber que iria viver mais um dia não o ajudou nem um pouco a conter as lágrimas. Ele apenas ficou deitado ali, mordendo os lábios, sentindo pena de si mesmo, até os tiros chegarem ao córrego no fundo da ribanceira.

Então Johnny Cacoete escalou rapidamente o mesmo caminho pelo qual havia descido, atravessou a interestadual e se jogou na mata do outro lado – perguntando-se como faria para sumir da face da Terra, mas sabendo que isso era totalmente impossível.

Ele havia *olhado*. Tinha visto o que estava dentro do “pacote”.

PARTE UM

# TEMPESTADE DE FOGO

## capítulo 1

COMEMOREI MEU ANIVERSÁRIO COM UMA pequena festa, muito exclusiva, animada e divertida, na Rua 5. Exatamente como queria.

Damon tinha feito uma surpresa especial vindo do internato onde estudava, em Massachusetts. Nana estava lá, no comando da festa, junto com meus filhos, Jannie e Ali. John Sampson e sua família estavam presentes. Bree também, é claro.

Somente as pessoas que eu mais amava no mundo tinham sido convidadas. De que outra forma você gostaria de comemorar um ano a mais de idade e sabedoria?

Cheguei até a fazer um pequeno discurso naquela noite. Esqueci a maior parte dele quase na mesma hora, mas não as primeiras palavras:

– Eu, Alex Cross, prometo solenemente a todos os presentes nesta festa de aniversário me esforçar ao máximo para equilibrar minha vida pessoal e minha vida profissional e nunca mais mergulhar no lado sombrio.

Nana ergueu sua xícara de café em um brinde.

– Tarde demais – disse ela, arrancando boas risadas dos outros.

Então cada um dos presentes, sem exceções, fez todo o possível para garantir que eu envelhecesse com um pouco de humildade, mas também com um sorriso no rosto.

– Vocês se lembram daquela vez no estádio dos Redskins? – começou Damon com uma risada. – Quando papai trancou as chaves dentro do carro?

– Na verdade... – tentei me defender.

– Ele ligou pra minha casa e me tirou da cama depois da meia-noite – interrompeu Sampson, resmungando.

– Mas só depois de passar uma hora tentando arrombar o carro, porque não queria admitir que precisava de ajuda – falou Nana.

– Por que ele é quem? – perguntou Jannie, com a mão em concha atrás da orelha

– O Sherlock Holmes americano! – responderam todos, em coro.

Estavam se referindo a um artigo que saíra alguns anos antes numa revista de circulação nacional e que, pelo jeito, jamais seria esquecido.

Dei uma golada generosa na minha cerveja.

– Uma carreira brilhante, ao menos é o que dizem por aí, dezenas de casos importantes solucionados, e pelo que sou lembrado? Posso estar enganado, mas acho que alguém deveria estar tendo um feliz aniversário hoje.

– Bem lembrado – disse Nana, ao mesmo tempo mordendo a isca e me ignorando. – Ainda está faltando uma coisa aqui. *Crianças?*

Jannie e Ali se levantaram com um salto, mais empolgados do que todos os demais. Pelo jeito, uma grande surpresa estava por vir. Ninguém queria dizer o que era, mas eu já ganhara óculos escuros Serengeti de Bree, uma camisa espalhafatosa e duas minigarrafas de tequila de Sampson e, das crianças, uma pilha de livros, que incluía o último romance de George Pelecanos e uma biografia de Keith Richards.

Outra *pista*, se é que posso chamá-la assim, era o fato de que Bree e eu tínhamos criado a fama de sempre cancelar nossos planos, com um fim de semana prolongado atrás do outro indo por água abaixo desde que nos conhecêramos. Era de imaginar que, trabalhando no mesmo departamento e na mesma divisão (a de Homicídios), seria mais fácil coordenarmos nossas agendas, mas na maioria das vezes era justamente o contrário.

Por isso eu tinha uma ideia, mas nada muito específico, do que poderia esperar.

– Alex, não se mova – ordenou Ali. Ele tinha começado a me chamar de Alex recentemente, o que não me incomodava, mas, por algum motivo, causava arrepios em Nana.

– A trama se complica – murmurei.

– A cada segundo – disse Bree com um sorriso e uma piscadela. – Do jeito que você gosta.

Ela estava no sofá, de frente para mim, sentada em uma das velhas poltronas. Eu sempre achava Bree bonita, mas preferia quando ela estava assim, com roupas informais e à vontade, de calça jeans e descalça. Seu olhar partiu do chão e foi subindo de encontro ao meu.

– Você vem sempre aqui? – perguntou ela.

– De vez em quando. E você?

Ela tomou um gole de sua cerveja e inclinou a cabeça, com um ar despreocupado.

– Quer sair daqui?

– Com certeza. – Apontei com o polegar na direção da porta da cozinha. – Assim que eu me livrar dessa chateação com a minha, hã...

– Família querida?

Não pude deixar de pensar que aquele aniversário estava ficando cada vez melhor. Agora eu tinha duas grandes surpresas por vir.

*Ou melhor, três.*

O telefone tocou no hall. Era a nossa linha fixa, não o meu celular, que todo

mundo sabia que eu usava a trabalho. Eu também tinha um pager no aparador, onde poderia ouvi-lo. Por isso me pareceu seguro atender. Cheguei até a pensar que pudesse ser um amigo me ligando para desejar feliz aniversário ou, na pior das hipóteses, alguém tentando me vender alguma coisa.

Será que algum dia eu ia aprender? Provavelmente não nesta vida.

## capítulo 2

— **ALEX, AQUI É DAVIES. SINTO** muito por perturbar você em casa.

Ramon Davies era o inspetor de detetives da Polícia Metropolitana, meu chefe.

– Hoje é meu aniversário. Quem morreu? – perguntei. Estava irritado, embora fosse muito mais comigo mesmo, por ter atendido o telefone.

– Caroline Cross – respondeu ele. Meu coração quase parou.

Nesse exato momento, a porta da cozinha se escancarou e minha família veio cantando. Nana trazia um bolo de aniversário cor-de-rosa e vermelho numa bandeja, com um envelope da American Airlines preso em cima.

– Parabéns pra você...

Bree ergueu a mão para silenciá-los. Minha postura e a expressão em meu rosto devem ter indicado algo. Todos pararam onde estavam. A cantoria alegre foi interrompida quase imediatamente. Minha família se lembrou de quem era aquele aniversário: *do detetive Alex Cross*.

Caroline era minha sobrinha, a única filha do meu irmão. Fazia 20 anos que eu não a via; desde que Blake tinha morrido. Isso queria dizer que ela estava com 24 anos.

*No momento da sua morte.*

O chão debaixo dos meus pés parecia ter desaparecido. Parte de mim queria chamar Davies de mentiroso. A outra parte, o policial, se pronunciou:

– Onde ela está agora?

– Acabei de falar ao telefone com a Polícia Estadual da Virgínia. Os restos estão no necrotério, em Richmond. Sinto muito, Alex. Detesto ser o portador desta notícia.

– Restos? – murmurei. Era uma expressão muito fria, mas me senti grato por Davies não ter ficado cheio de dedos comigo. Saí da sala, arrependido de ter repetido aquilo na frente da minha família, por menos revelador que fosse. – Imagino que estejamos falando de homicídio, não é?

– Temo que sim.

– O que aconteceu? – Meu coração esmurrava perigosamente o peito. Eu quase não queria saber.

– Não tenho muitos detalhes. – O modo como ele disse aquilo me deu uma pista na mesma hora: *ele está escondendo alguma coisa.*

– Ramon, o que está havendo? Me diga. O que você sabe sobre Caroline?

– Uma coisa de cada vez, Alex. Se você sair agora, consegue chegar lá em cerca de duas horas. Vou pedir que um dos policiais encarregados o receba.

– Já estou a caminho.

– E, Alex...?

Eu quase desliguei o telefone, com a mente em frangalhos.

– O que foi?

– Acho melhor você não ir sozinho.

### capítulo 3

**PISANDO FUNDO E USANDO A** sirene durante a maior parte do trajeto, levei menos de uma hora e meia para chegar a Richmond.

O Departamento de Perícia Criminal ficava em um prédio novo na Marshall Street. Davies havia providenciado para que o detetive Corin Fellows, do Departamento de Informações Confidenciais da Polícia Estadual, nos recebesse – Bree e eu – no local.

– O carro foi rebocado até o nosso estacionamento na sede da divisão na Rota 1 – contou-nos Fellows. – Fora isso, está tudo aqui. Os restos estão no necrotério. Todas as evidências mais óbvias estão no laboratório deste andar.

Lá estava aquela palavra horrível novamente. *Restos.*

– O que vocês encontraram? – perguntou Bree.

– Os patrulheiros acharam peças de roupa femininas e uma bolsa preta embrulhadas em um cobertor no porta-malas. Peguei isto para mostrar a vocês.

Ele me entregou uma carteira de motorista de Rhode Island dentro de um envelope plástico. A única coisa que reconheci foi o nome de Caroline. A garota na foto era linda, parecia uma bailarina, com seu cabelo puxado para trás e a testa larga. E aqueles olhos grandes... eu me lembrava deles também.

*Olhos tão grandes quanto o céu.* Era o que Blake, meu irmão mais velho, sempre dizia. Eu conseguia vê-lo agora, ninando-a no velho banco na varanda da Rua 5 e rindo todas as vezes que a filha piscava para ele. Ele era apaixonado por aquela criança. Todos nós éramos. Doce Caroline.

Agora os dois estavam mortos. Meu irmão vítima das drogas. E Caroline? O que tinha acontecido com ela?

Devolvi a carteira de motorista para o detetive Fellows e pedi que ele nos levasse ao necrotério, para falar com o médico-legista encarregado. Se quisesse desvendar aquele caso, precisava me manter em movimento.

A legista, Dra. Amy Carbondale, nos recebeu no andar de baixo. Quando nos cumprimentamos, suas mãos ainda estavam frias por conta das luvas de látex que estivera usando. Ela parecia extremamente jovem para aquele tipo de trabalho, devia ter pouco mais de 30 anos, além de estar um pouco insegura quanto ao que fazer comigo, o que me dizer.

– Dr. Cross, acompanho seu trabalho. Sinto muito pela sua perda – disse ela, num quase sussurro que transmitia compaixão e respeito.

– Se você puder apenas me comunicar os fatos do caso, eu ficaria agradecido – falei.

Ela ajeitou os óculos, de armação fina e prateada, preparando-se para me contar.

– Com base nas amostras que coletei, aparentemente 96% do corpo foram fragmentados. Algumas impressões digitais permaneceram intactas e conseguimos cruzar uma delas com o nome na carteira de motorista encontrada.

– Perdão, mas... *fragmentados*? – Eu nunca tinha ouvido a palavra nesse contexto.

Justiça seja feita: a Dra. Carbondale não teve medo de cravar seus olhos nos meus.

– Temos todos os motivos para crer que algum tipo de moedor foi utilizado... provavelmente um triturador de madeira.

Suas palavras me deixaram sem fôlego. Eu as sentia presas no meu peito. *Um triturador de madeira?* Então pensei: *Por que preservar as roupas e a carteira de motorista dela?* Uma prova da identidade de Caroline? Uma lembrança para o assassino?

A Dra. Carbondale continuava falando:

– Vou fazer um exame toxicológico completo, gerar um perfil de DNA e, naturalmente, buscar fragmentos de bala ou outros metais, embora vá ser difícil, se não impossível, provar a verdadeira causa da morte neste caso.

– Onde ela está? – perguntei, tentando apenas me concentrar. *Onde estão os restos de Caroline?*

– Dr. Cross, o senhor tem certeza de que este é o melhor momento...

– Ele tem certeza – disse Bree. Ela sabia do que eu precisava e fez um gesto na direção do laboratório. – Vamos logo com isso. Por favor, doutora. Somos todos profissionais aqui.

Nós seguimos a Dra. Carbondale por dois conjuntos de portas duplas até chegarmos a uma sala de exames que parecia um bunker. O chão era de concreto cinza e o teto era alto e azulejado, equipado com câmeras e lâmpadas hospitalares. Por toda parte havia as pias e os materiais de aço inoxidável habituais, além de um único saco de cadáver sobre uma das estreitas mesas prateadas.

Logo de cara, percebi que havia algo de muito estranho. Algo de errado. *As duas coisas.*

O saco estava protuberante no meio, mas rente à mesa nas duas pontas. Eu temia aquilo de um jeito que não poderia ter imaginado de antemão.

*Os restos.*

A Dra. Carbondale parou de frente para nós e abriu o zíper.

– O isolamento térmico é nosso – disse ela. – Eu o fechei de volta depois do exame inicial que fiz mais cedo.

Dentro do saco de cadáver *havia um segundo saco*. Parecia feito de algum tipo de plástico industrial. Era um material branco fosco, transparente o bastante para revelar as cores de carne, sangue e osso lá dentro.

Senti minha mente entrar em pane por alguns segundos, o máximo de tempo que pude negar o que estava vendo. Havia uma pessoa morta dentro daquela bolsa, mas não um corpo.

*Caroline, mas não Caroline.*

## capítulo 4

**A** VIAGEM DE VOLTA PARA WASHINGTON foi como um pesadelo interminável. Quando Bree e eu finalmente chegamos, a casa estava totalmente silenciosa e inerte. Pensei em acordar Nana, mas o fato de ela não ter se levantado sozinha me dizia que estava dormindo a sono solto e precisava descansar. Todas aquelas más notícias poderiam esperar até a manhã.

Meu bolo de aniversário estava intocado dentro da geladeira e alguém tinha deixado o envelope da American Airlines em cima da bancada. Eu o olhei por tempo suficiente para ver dois bilhetes para Saint John, uma ilha do Caribe que eu sempre quis visitar. Mas não importava; tudo isso estava em suspenso agora. Todo o resto também. Eu tinha a sensação de estar me movendo em câmera lenta; certos detalhes possuíam uma clareza sinistra.

– Você precisa se deitar – disse Bree, pegando minha mão e me conduzindo para fora da cozinha. – Nem que seja só para pensar nisso com mais lucidez amanhã.

## INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
ou siga-nos no Twitter @editoraarqueiro.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá  
participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,  
escreva para [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
ou mande uma mensagem para o Twitter @editoraarqueiro.

EDITORA ARQUEIRO  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)